

ANTES E DEPOIS DE 1498

Gilda Santos

É sobejamente conhecida a importância da viagem de Vasco da Gama que levou os portugueses não só à descoberta do caminho marítimo para as Índias como às primícias de um processo de globalização que não mais cessou ao longo dos séculos.

Corria o ano de 1498. Ano de tal impacto cultural que, nas palavras de Toynbee, delimita duas eras numa história da nossa civilização: a pré-gâmica e a pós-gâmica.

Mas se é verdade que o feito dos portugueses ultrapassou motivações e ambições circunscritas à “ocidental praia lusitana” e ganhou amplitude política e econômica em escala então impensável, é verdade também que esse feito não constitui fenômeno isolado, pois dista de longe a cadeia de ações “valerosas” com que os portugueses procuraram sempre assinalar seu estar ou passar pelo mundo. Ainda que, por vezes, tenham tido seus intuitos frustrados; ainda que, por vezes, as rotas tenham sido desventurosas.

E para celebrar esses 500 anos de 1498, ocorreu-nos trazer às páginas do número 15 da revista do nosso Real Gabinete alguns momentos de relevo da cultura lusófona, antecedentes ou conseqüentes àquele “ano da graça”, mas relacionáveis sempre aos anos de número 98, de modo a, sob esta perspectiva original, evocar-mos, não apenas *cinco*, mas *oito* séculos de nomes e atos “dignos de memória” — quer no registro menos afortunado, quer no registro glorioso.

Assim, de 1198 (uma das datas com que se marca o começo da poesia lírica na Península Ibérica) a 1898, evocam-se aspectos múltiplos e relevantes da cultura portuguesa, onde não faltam alguns elos com a Espanha, o Oriente e o Brasil. Já 1998 nos fará rememorar três grandes escritores que há exatos vinte anos nos deixaram: Vitorino Nemésio, Ruy Belo e Jorge de Sena.

Completam este número da *Convergência Lusíada* artigos de temática variada, que mantêm aberto o espaço da colaboração espontânea e da saudável diversidade de interesses.

Portanto, aos leitores que aqui nos acompanham, os votos de que esta viagem lhes seja proveitosa, revelando-lhes também novos caminhos, se não marítimos, ao menos reflexivos.